

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Lições de Humboldt: A Marcha dos Saberes

Eguimar Felício Chaveiro ¹

Alexander Von Humboldt (1769-1859), naturalista, botânico e geógrafo alemão, conclamado como o cientista mais famoso do seu tempo, foi - e é – reconhecido como um dos criadores de um método de conhecimento. Por isso, a sua vasta obra influenciou não apenas uma geração, cientistas de determinados campos de saber, mas uma forma de produzir, conceber e efetivar o saber científico.

Face a isso, poder-se-ia dizer: as catalogações, as cartas, as teorias, as invenções, as pinturas, os croquis e, enfim, as ideias de Humboldt sobre a natureza, sobre a terra e sobre o cosmos estão vivas. Em decorrência dessa constatação, objetiva-se no presente texto examinar as suas lições em conformidade com a marcha dos saberes na atualidade. A questão central do texto é: o modo pelo qual Humboldt desenvolvia o saber tem sentido na atualidade?

Para a consecução do texto proceder-se-á de uma interpretação conjuntural da produção de saberes atuais. Especificamente serão vislumbradas as leituras da natureza e do Cerrado. A motivação decorre do diálogo com membros do IHGG - Instituto Histórico Geográfico de Goiás e do ICEBE – Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado e uma longa jornada de

¹ Prof. Titular do Instituto de estudos socioambientais, da Universidade Federal de Goiás; membro do IHGG; do ICEBE e da Academia trindadense de letras, ciência e arte

trabalho no IESA – Instituto de Estudos Socioambientais, da UFG – Universidade Federal de Goiás e de atividades de orientação no Programa de Pós-graduação em Geografia- Universidade Federal de Jataí-Go.

As reflexões propostas girarão em torno de algumas premissas. A primeira concebe que a edificação de uma sociedade mundializada, baseada no avanço da ciência, da tecnologia e da informação; e também numa profunda rotação de capitais e de desterritorialização do trabalho, promove um grande metabolismo do saber.

O chamado big-data ou a implicação do processamento de algoritmo mediante o controle, o armazenamento, a disseminação e a publicação de informações e saberes, recolocam a força das fontes de pesquisa, dos instrumentos de propagarem a informação. Enxerga-se também o comando geopolítico das riquezas naturais e de seu mapeamento, assim como a sua difusão acelerada. Origina-se, no seio da sociedade mundializada, um novo mapa de saberes – e de seus sentidos.

A segunda premissa baseia-se no reconhecimento de que há um ativismo que, por meio de pesquisas, militâncias, reivindicações, programas, mobilizações e projetos comandados por coletivos negros, indígenas, de mulheres e de movimentos sociais e alternativos, contestam o monopólio dos saberes, estabelecem relações diretas entre o comando econômico das riquezas naturais e o controle estratégico dos saberes; reivindicam a valorização dos saberes nativos, originários, ancestrais, simples. Abrem portas para o revigoramento dos vários discursos do mundo, como também de leituras de clássicos, como é o caso de Humboldt.

Essas premissas, a nosso ver, recolocam a necessidade de ler e interpretar os clássicos, tal como é a vasta, complexa e rica obra de Humboldt. Mais que isso: exigem uma atenção cuidadosa com os seus métodos de produzir o conhecimento.

SABERES DO POVO: UMA NOVA ECOLOGIA DO CONHECIMENTO

Fermentam-se, atualmente, novas bandeiras culturais e políticas, do mesmo modo que múltiplas formas de comunicação, de organização das lutas. Os diferentes grupos, coordenados e unificados por disputas de classe; por questões de gênero, de etnia-raça; dimensões culturais; por liberdade de sexo, tecem críticas à precarização do trabalho; à privatização de universidades. Observa-se também a luta contra preconceitos históricos e científicos; contra hierarquizações, exclusão, segregação, aniquilamento de vidas. Os grupos, ainda que diferenciados, agem em nome de direitos, da diferença,

da criação, da autonomia. Descobrem que os saberes são peças da autodeterminação dos povos, de suas identidades e de seus negócios simbólicos.

Nessa fermentação, notadamente complexa, edificada à luz de diferentes interpretações de mundo, surgem vetores que contestam a razão moderna; contestam também o método laboratorial e funcional de conhecer a natureza, mapeá-la e classificá-la. Muitos desses grupos reivindicam uma atenção aos saberes indígenas, de populações camponesas, de mulheres roceiras, de povos cerradeiros; de vazanteiros, pescadores, gente de quilombolos. Propõem uma nova ecologia dos saberes ajustada à tradição de sujeitos do mundo simples.

Os sujeitos que reivindicam um lugar de reconhecimento e de ação para os seus saberes, além de defenderem práticas tradicionais, modos de ver e de lidar com a terra e com a natureza, montam pedagogias e saberes, círculos, rodas de prosa, modos de compartilhamento, estéticas, colagens, humor. Descobrem outros ritos de transmissão dos saberes e de sua disseminação entre os iguais. Propõem trabalhos de imersão, escuta, observação, o que era da faculdade criadora de Humboldt.

O que se procede nessa raia, é uma crítica ao saber científico hegemônico que, costumeiramente, enxota a observação percuciente, tal como defende Humboldt. A crítica se estende à separação entre os componentes de estudo a partir de uma especialização cada vez mais radical dos objetos de estudo. A ideia humoldtiana de que a terra é um único e imenso organismo vivo dentro da qual tudo se interliga numa rede de trocas, é recolocada como um projeto político.

Recupera-se, então, a dimensão holística na formulação dos saberes. Enxergar a intrínseca relação entre a vida humana e a natureza, enxergar as diferencialidades da paisagem em meio à sua integração, são pontos culminantes do pensamento humboldtiano. Ele diz que,

Assim como a forma exteriormente articulada dos continentes e os inumeráveis recortes de seus montes exercem uma saudável influência sobre os climas, no comércio e até nos progressos gerais da civilização, assim também a configuração do solo no sentido da altura, quer dizer, a articulação interior das grandes massas continentais pode exercer um papel não menos importante no domínio do homem. Tudo o que produz variedade de forma (polimorfia) em um ponto da superfície terrestre, seja uma cadeia de montanhas, um planalto, um grande lago, uma grande estepe, também um deserto com bosques em suas dunas, qualquer acidente do solo, em uma palavra, imprime uma marca particular no povo que ali habita. Se o solo está entre nevados e altíssimos cumes, as comunicações ficarão interrompidas e o comércio impossível. Se, pelo contrário, o formam baixas planícies, com algumas cadeias pouco elevadas e descontínuas, como no oeste e no sul da Europa, onde esse gênero de articulação se desenvolve tão felizmente, multiplicam-se então as influências meteorológicas e, com elas, as produções do mundo vegetal. E, como em todo caso, cada região exige um cultivo diferente, ainda que à mesma latitude, resulta que essa configuração especial dá vida a necessidades que estimulam as atividades das populações (Humboldt, 2005, v.2, p.280).

A posição contra o que se pode denominar saberes divorciados, é uma premissa da leitura cósmica da terra. Quando os povos indígenas do Cerrado veem os seus territórios pressionados, o que imediatamente desdobra é a sua proletarização, as suas mudanças de hábitos alimentares; a sua ambiguidade entre a cultura de sua tradição e a outra que lhe impõe novas cosmologias. Se convém explicitar que não há determinismo natural sobre a vida humana, conforme assinala Humboldt, não pode desconsiderar o sentido ativo do solo, do ar, do relevo, da hidrografia na vida humana.

O grau de ligação, de intersecção dos componentes da natureza, em Humboldt, sugere reconhecer o elo entre o orgânico e o inorgânico, inclusive, desses com a emoção e com o espírito. As influências recebidas pelo naturalista do romantismo Alemão, especificamente de Goethe, o senso de observação arguta, o exercício de contemplação e de interrogação de tudo que existe, se evidenciam na sua geografia cósmica. Ele diz que,

“Minha atenção estará sempre voltada para a observação da harmonia entre as forças da natureza, reparando a influência exercida pela criação inanimada sobre o reino animal e vegetal. Deve ser lembrado, entretanto, que a crosta inorgânica da terra contém dentro de si os mesmos elementos que entram na estrutura dos órgãos animal e vegetal. Por conseguinte, a cosmografia física seria incompleta se omitisse considerações dessa importância, e das substâncias que entram nas combinações fluidas dos tecidos orgânicos, sob condições que, em virtude de ignorarmos a sua natureza real, designamos pelo termo vago de "forças vitais", grupando-as dentro de vários sistemas, de acordo com analogias mais ou menos perfeitamente concebidas. A natural tendência do espírito humano, involuntariamente, nos impele a seguir os fenômenos físicos da terra através de toda a velocidade de suas fases, até atingirmos a fase final da solução morfologia das formas vegetais, e os poderes conscientes do movimento do organismo dos animais. Assim, é por tais elos que a geografia dos seres orgânicos - plantas e animais - se liga com os esforços dos fenômenos inorgânicos de nosso globo terrestre (HUMBOLDT, 2005, pag 276)”.

O rompimento com a concepção de objetividade científica e o interesse por tudo que se lhe apresentava, como as plantas, o solo, o vento, o relevo, faziam Humboldt conceber a observação como a primazia do conhecimento. Mas observar apenas não bastava: era necessário ligar o que se observava ao que era invisível, por exemplo, as forças que animam a terra. Descobrir as forças dinamizadoras dos organismos vivos foi uma dádiva propiciada pelo encontro com Goethe. A partir daí processou-se o conceito “*urform*”, isto é, o impulso de formação. Daí, que a física, ao se juntar ao que é orgânico, gera o movimento e a transformação do próprio organismo vivo. A superfície terrestre era a galeria infindável de forças e formas.

Essa concepção pode se vincular ao presente problemático, em que, de um lado se situa o saber devastador da ciência moderna, e de outro, saberes que são silenciados e inferiorizados. Pensar os saberes e suas enunciações políticas tendo como centro a constituição da vida dos organismos vivos na terra, é o que propõe Arroyo (2012, p.78). Ele explica que,

Nas ocupações, nas marchas ou nas oficinas e dias de estudo mostram que as políticas ou a pedagogia que não tenham esse presente tão premente como sua tarefa se perdem ao perder seu chão: os próprios sujeitos se formando, humanizando ou desumanizando na materialidade tão presente e tão pesada em que reproduzem as suas vidas. Um presente que carrega indagações desestabilizadoras a exigir aprofundamento e respostas das políticas e programas, das didáticas e das teorias pedagógicas.

Conforme foi assinalado, as lutas políticas são lutas pedagógicas. Sendo assim, há uma correlação direta entre a constituição da vida e os saberes. Isso pode ser visto na carta dos Movimentos Sociais em defesa da vida, na qual pode-se ler:

Nós, representantes de organizações, coletivos e movimentos sociais oriundos das cinco regiões do Brasil, defensores dos direitos humanos, direitos ambientais, direitos à terra, à cidadania, à cidade, à cultura e soberania alimentar, à acessibilidade, às tecnologias e mídias digitais, à comunicação livre e comunitária, dos direitos de povos indígenas, quilombolas e povos e comunidades tradicionais, reunidos no Rio de Janeiro, durante a oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais – UPMS, sob o tema Cultura, neste marco histórico da destruição dos ecossistemas e direitos, fazemos deste encontro um apelo ao povo brasileiro em defesa da vida (CMSDF, 2015, p.1).

As questões teóricas e política de Humboldt, localizadas em seu tempo, são outras. Contudo, o seu modo de enxergar a relação da vida a partir da dinâmica da terra, ressoa como um alento. Interessa a sua concepção integral dos fenômenos naturais e também o seu método de conhecer.

Eu tinha em vista um duplo objetivo nas viagens das quais eu publico agora a narrativa histórica. Desejava dar a conhecer os países que eu tinha visitado, e em recolher os fatos, tal como são montados, para elucidar uma ciência de que nós ainda possuímos praticamente o esboço, e que tem sido vagamente denominada de História Natural do Mundo, Teoria da Terra, ou de Geografia Física. O último destes dois objetos pareceu-me o mais importante. Eu estava apaixonadamente dedicado à botânica e certas partes da zoologia, e estava lisonjeado de mim mesmo porque nossas investigações poderiam acrescentar algumas novas espécies às já conhecidas, tanto nos reinos animal e vegetal; mas, priorizando a conexão dos fatos largamente observados ao conhecimento de fatos isolados, embora novos, a descoberta de um gênero desconhecido pareceu-me muito menos interessante do que uma observação sobre as relações geográficas da vegetação do mundo, sobre as migrações sociais das plantas, e do limite da altura que as diferentes tribos atingiram sobre os flancos das Cordilheiras. (HUMBOLDT, 1907, Pag 323)”

Como se vê no relato, as viagens ou expedições científicas, faziam parte do método de conhecimento de Humboldt. Contra a postura de cientista de gabinete e em conformidade com os naturalistas dos séculos XVIII e XIX, a ligação entre as viagens e a observação fazia pronunciar a importância da descrição. A precisão da descrição só era possível com a agudeza da observação, esta, por sua vez, calcava-se numa visão teórica abrangente. Assim sendo, a premissa do método humboldtiano baseava-se no seguinte: tudo estava conectado, por isso, o cientista deveria atentar-se para as diferenças e para as similaridades sem, contudo, desprezar o todo. Como ponderou Wulf (2016, pag 54), esse era o mote principal da visada de Humboldt na análise da natureza.

Quando se observa, por exemplo, os vastos problemas ambientais do Cerrado, como o desmatamento; a degeneração de ecossistemas; a extinção de espécies da flora e da fauna; a contaminação de cursos hídricos; a poluição sonora e atmosférica; a erosão do solo – e vários outros -, sob a leitura humboldtiana há que ser enxergar cada um desses problemas inseridos numa totalidade. Mais que isso: qualquer problema situado, por exemplo, um componente da natureza, como o solo ou a água, reboia-se nos demais. Essa parece ser a perspectiva apresentada na Carta dos Movimentos Sociais em defesa da terra:

O massacre estende-se ao esgotamento dos recursos naturais, a escassez da água, ao envenenamento dos alimentos provocando o aumento avassalador de mortes de crianças por contaminações e de jovens e adultos em conflitos de terra e violência urbana, pois suas vidas são deslocadas de seus territórios de origem, suas tradições, seus valores e práticas ancestrais de educação, espiritualidade, cultivos, alimentação e medicina (CMSDF, 2015, p.1).

Ao centrar a ação política em defesa da terra vinculando-a à produção social da vida, reconhece-se que o sentido de vida é atravessado pelos saberes. Ou pelo modo de produzir os saberes. O que denomina “ecocídio”, por meio do qual componentes da vida são exterminados, e o que denomina “epistemicídio”, ingrediente social que aniquila saberes, se juntam solicitando, além da leitura da totalidade orgânica da terra, a sensibilidade daquele que conhece.

Nessa ótica, recomenda-se valorizar as ricas, diversas e profundas experiências de vida dos vários grupos sociais. Requisita que os cientistas ouçam, observem, dialoguem, entrem em contato com outros grupos sociais. Trata-se de valorizar a percepção, a sensibilidade, a experiência humana de todos os sujeitos e identidades que desenvolvem a sua vida na ligação com os componentes naturais.

Nesta perspectiva, a interpretação do Cerrado interpela cientistas, intelectuais, pesquisadores para um arco de diálogo; também para andarem pelas paisagens, observando-as, vendo as mudanças, contemplando espécies da fauna e da flora, assim como a relação entre lavouras, estradas, redes de negócios, Estado, movimentos sociais.

Especificamente o Cerrado goiano é dado a perceber que a erosão de diversidade biológica corresponde à erosão da diversidade de saberes e da diversidade de práticas. Cada vez mais se enxerga uma hegemonia predatória. Daí, que as lições do método de Humboldt é um convite para perceber a diversidade genética, de paisagens e de formas em concomitância aos componentes sociais e culturais que implicam no território do Cerrado.

É um convite também a reconhecer outras expedientes políticos – e de aprendizagem, como a audição, a observação, o cuidado, a simplicidade e a sensibilidade.

DE BRAÇOS DADOS COM HUMBOLDT

A partir da década de 1980, especialmente com o impulso das descobertas da física quântica e também com a propagação das denominadas “novas tecnologias”, passou a haver uma grande inquietação teórico-conceitual. Praticamente todos os campos e áreas de saber foram convidados a uma adesão apressada.

As representações e as leituras da terra e da natureza, ora instituídas pela via ambiental, ora esposando-se nas mudanças sociais vigentes, ganharam várias denotações conceituais. Os perigos ambientais traduzidos na elevação do nível do mar; no envenenamento do solo e da água; no aumento de dióxido de carbono e de outros gases, são responsáveis por criar um “planeta enfermo”.

Essa enfermidade, além de ser estrutural, por isso atinge a todos, é vista também pelo transporte de sedimentos; pela ocupação e transformação do solo; pelo desvios dos cursos de água; pelas extinções de espécies; e pelo desenvolvimento de substâncias químicas no ar, nos alimentos, na água, no solo; pela multiplicação do plástico, gerando efeitos no aquecimento global. Luc Ferry (2009), num esforço de síntese, diz que a partir desses problemas, é instituído o medo planetário.

Novos conhecimentos e novas formas de conhecer são desenvolvidos por meio de satélites, controle dos genes, construção de sondas e de equações de logaritmos. Os novos conhecimentos, em pauta, colocam em conflito um governo cósmico conduzindo o comportamento da natureza e os vários problemas que criam. Pode-se dizer que surge uma geopolítica da natureza como parte da geopolítica dos países dominantes. Esses, por sua vez, desenvolvem o monopólio de capitais e de saberes.

Bruno Latour (2016), epistemólogo francês, observa que a natureza transformada em recursos, a partir de uso de gens, ondas de ar, ondas de calor e fibras para a confecção de produtos variados, sejam estéticos/turísticos ou mercantis, em geral, passa a ter outros significados. Isso faz acender a luz direcionada à exploração de outros planetas, assim como para o monitoramento de aquíferos, de minérios e de gens.

Diante disso, as grandes corporações desenvolvem táticas para a monopolização dos bens naturais como uma forma de estabelecer o controle da vida. Isso estimula o campo dos saberes a desenvolverem novos conceitos e termos como antropoceno (Paul Crutzen), tecnário ou tecnógeno (Ter-Stepanian), biogeia (Michel Serres), filogeografia (Alan Templeton), capitaloceno (M. Moore).

A reflexão em torno desses termos, teorias e conceitos é uma pronúncia do esforço para rebater uma seta hegemônica: a colonização do universo. Poder-se-ia dizer, amparado na concepção de natureza de Humboldt, que os modos de funcionamento das estratégias colonizadoras afetam o metabolismo da terra – e de todos os seus elementos.

Para alguns teóricos e também para ativistas ambientais e culturais, na era do antropoceno o ser humano se efetivou como uma força geológica. Outros, ao defenderem o conceito capitaloceno, dizem que o metabolismo das espécies, das formas de energia e dos ambientes, são a demonstração que o capital implica no funcionamento da natureza.

Há linhas que revisitam os clássicos, como Humboldt e, ao revisitarem-nos proclamam a necessidade de se observar a terra como uma força viva, como um laboratório criativo de vida. Esta perspectiva aposta numa crítica à predação ontológica, que implica a espécie humana por inteiro. Um planeta enfermo cria seres enfermos.

A aglutinação da leitura geopolítica da natureza ao avanço de saberes genéticos e à mercantilização de produtos farmacêuticos, repercute nas formas de luta de povos originários. As lutas por defesa da terra e do território, encadeadas por populações indígenas, se juntam à defesa pela luta da biodiversidade. Essas lutas abrem as páginas na oposição à biopirataria e ao tráfico de saberes.

Está posto um problema contemporâneo suscitado pela imensa obra de Humboldt, seja na preocupação com o futuro das plantas, com a proteção dos saberes indígenas e com as transformações dos bens de natureza em recursos. Abre-se uma nova perspectiva de leitura da natureza. Essa perspectiva interroga: como este período histórico está lidando com o vivente? Qual é o sentido da vida ensinado pelo modelo de sociedade que tem as suas relações baseadas na mercantilização dos bens naturais?

Parece que ao compreender os problemas ambientais ligados aos problemas sociais entende-se que o debate teórico dos saberes é sempre um debate político. Entende-se mais: de acordo com o método de Humboldt, não se separa o que é social e o que natural. Ambos existem imersos no organismo vivo exuberante: a terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

CMSV – Carta dos Movimentos Sociais em Defesa da Vida. Rio de Janeiro:2015.

- CRUTZEN, P. J. The “Anthropocene”. In: Ehlers E.; Krafft T. (Org.) Earth System Science in the Anthropocene. Springer, Berlin, Heidelberg, 2006. p.14-30.
- FERRY, L. A nova Ordem Ecológica: a árvore, o animal e o homem. Rio de Janeiro: DIFEL. 2009.
- HUMBOLDT, Alexander. Regiões da América, Portugal: 1907, V. 1,2 e 3
- HUMBOLDT, Alexander von. Cosmos, ó Ensayo de una descripción física del mundo 2 vol. Córdoba: Altis. 2005.
- LATOUR, B. Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MOORE, J. Capitalism in the Web of Life. New York: Verso, 2015.
- SERRES, M. Tempos de crises. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- TEMPLETON, A. R. Coherent and incoherent inference in phylogeography na human evolution. Proc. Natl. Acad. Sci. USA., v.107, p.6.376-6.381, 2010.
- TER-STEPANIAN, G. Beginning of the Technogene. Bulletin I.A.E.G., 38, p. 133- 142, 1988.
- WULF, Andrea. A invenção da natureza. A vida as descobertas de Alexander Von Humboldt. São Paulo: Planeta, 2016. Tradução: Renato Marques.